



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA

MARIA AUXILIADORA GOMES DA SILVA

**GEOGRAFIA E LITERATURA: UMA ANÁLISE DA PAISAGEM  
VERNACULAR-TRAJETIVA NO CONTO CAIARARA DE ANA  
MARIA PRIMA VESI**

CAMPINA GRANDE  
2017

MARIA AUXILIADORA GOMES DA SILVA

**GEOGRAFIA E LITERATURA: UMA ANÁLISE DA PAISAGEM  
VERNACULAR-TRAJETIVA NO CONTO CAIARARA DE ANA  
MARIA PRIMAVERESI**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade TCC, apresentado à Universidade Federal de Campina Grande, UFCG Centro de Humanidade - para obtenção da graduação, (licenciatura em Geografia).

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo

CAMPINA GRANDE

2017

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como principal objetivo analisar a relação da Geografia com a literatura no conto Caiarara de Ana Maria Primavesi, partindo-se da análise da paisagem, desenvolvida por Berque. (1985), referenciado por Holzer (1993) O autor se debruça sobre a vertente da Geografia Humanista em que discute as categorias Mediância e Trajeção, entendidas como paisagens matriz-marca. Para a análise do referido conto foram desenvolvidas reflexões sobre a importância da Interdisciplinaridade, mediando a integração entre as referidas ciências. Nesse sentido, foi fundamental compreender a importância do conto como gênero literário, passível de interpretação no campo da Geografia fenomenológica. Sinalizou-se ainda sobre a importância da referida relação no ensino de geografia, a partir de observações realizadas no período de estágio supervisionado, em seguida foi realizada a análise do conto a luz das concepções acima referidas. Constatou-se com esse estudo, que os gêneros literários, em geral, particularizado aqui através do conto constituem uma importante referência para o desenvolvimento da Geografia, na concepção fenomenológica-cultural.

**Palavras-Chave:** Geografia. Literatura. Paisagem. Fenomenologia. Conto.

## ABSTRACT

This final course work has as main objective to analyze the relation between Geography and literature in the tale Caiarara of Ana Maria Primavesi, starting from analysis of the landscape, developed by Berque. (1985) The author focuses on the Humanist Geography section in the categories of Mediância and Trajeção, understood as matrix-mark landscapes. For the analysis of this story, reflections on the importance of interdisciplinarity were developed, mediating the integration between these sciences. In this sense, it was also important to understand the importance of the tale as a literary genre, able to be interpreted in the field of Phenomenological Geography. It was also pointed out the importance of this relation in the teaching of Geography, based on observations made during the period of supervised internship, after which the analysis of the story was carried out in light of the aforementioned conceptions. It was found with this study that the literary genres in general, particularized here through the tale, constitute an important reference for the development of Geography, in the phenomenological-cultural conception.

**Keywords:** Geography. Literature. Landscape. Phenomenology. Tale.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	5
CAPITULO 1–GEOGRAFIA E LITERATURA.....	8
<b>1.1 Interdisciplinaridade e potencialidade interpretativas.....</b>	<b>8</b>
<b>1.2 O Despertar para Geografia, Literatura e ensino .....</b>	<b>9</b>
<b>1.3 A Literatura, e Geografia .....</b>	<b>11</b>
CAPÍTULO 2 - A GEOGRAFIA-CULTURAL HUMANISTA,LITERATURA E O CONCEITO DE PAISAGEM.....	13
<b>2.1 A paisagem e a relação homem-ambiente .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 Mediância e Trajeção na análise da paisagem.....</b>	<b>19</b>
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DO CONTO .....	22
<b>3.1 Alguns Caminhos de Ana Maria Primavesi.....</b>	<b>22</b>
<b>3.2 O Conto <i>Caiarara</i>– Exemplos do uso da paisagem Matriz-Marca e no processo de Mediância e Trajeção<sup>1</sup> .....</b>	<b>24</b>
CONCLUSÕES.....	29
REFERÊNCIAS .....	30
ANEXOS.....	31

## INTRODUÇÃO

Trabalhar a relação entre Geografia e Literatura é uma forma de desmistificar a ideia de que a Geografia está sujeita a estudar fenômenos e relações sociais, apenas pelo conteúdo material. Soma-se a essa estruturação de cunho fisiográfica a imaterialidade, representadas pela simbologia, pelos sentimentos pelas emoções manifestadas, principalmente, na escala do lugar. Assim ao contrário do que se pensa as possibilidades de se estudar o espaço geográfico são inúmeras.

Esta constatação veio à tona a partir do momento em que realizava o estágio supervisionado. Nessa ocasião percebeu-se que os estudantes de Geografia do ensino básico, na escola em que foi realizado o estágio supervisionado, referiam-se a essa disciplina como desinteressante e chata e que servia apenas para localizar cidades em mapas. Essa inquietação desencadeou a necessidade de optar por pesquisas que pudesse tornar interessante e instigante o ensino de Geografia.

Partindo dessa premissa, essa pesquisa tem como objetivo principal analisar a relação da Geografia com a literatura através do conto Caiarara de Ana Maria Primavesi, a partir da análise da paisagem, desenvolvida por Berque (1985), referenciada por Holzer (1998) que se debruça sobre a vertente da Geografia Humanista-cultural e discute as categorias Mediância e Trajeção, como paisagem Matriz-Marca.

A relação entre Geografia e Literatura é mais uma possibilidade de análise geográfica. Nos textos literários é possível encontrar uma ponte para que essas duas áreas de conhecimento estabeleçam relações interdisciplinares sem perder suas especificidades. Daí a importância de trabalhar com o conto, que, por ser em geral, uma narrativa curta oferece uma leitura mais dinâmica e mais eficaz devido a pouca duração das aulas.

Essa relação traz novas ideias à medida que a integração entre a Geografia e Literatura, no momento em que intercambiam conhecimentos, criam relações indo além das concepções tradicionalistas, de cunho lógico-positivista, fazendo com que haja interação através dessas experiências compartilhadas.

Dito isto, ressaltamos que a interdisciplinaridade abrange todas as áreas em seus diversos campos disciplinares. Sendo assim, ela é incorporada a epistemologia do

conhecimento que, por meio da reciprocidade de relações, viabiliza a integração entre as ciências.

Com a interação Geográfico-literária, foi possível estudar o gênero conto, sem desmerecer as características que são adotadas para que este seja considerado como tal. Essas características são bem abrangentes, autores afirmam que “o conto pode ser lido de uma sentada”, leitura breve, um texto curto, porém não pode ser considerado o menor dos gêneros literários, pois existem contos que podem conter até cinquenta páginas, entretanto nem sempre compreensível aos olhos menos descuidados. O conto dá vida a uma história, assim como fez Primavesi ao dar vida aos elementos da paisagem geográfica.

A análise da paisagem geográfica é vista aqui não apenas como objeto, valorizado pela estrutura material, mas também na perspectiva simbólica, dando sentido à paisagem a partir da experiência vivida pelos personagens da citada obra. Essa concepção do conhecimento ajuda o sujeito a perceber que o mundo pode ser ordenado de outra forma, na qual se possa estabelecer um mecanismo para que esses aperfeiçoem as relações com o lugar em que vivem.

A pesquisa tem como objetivo realizar o estudo geográfico através da literatura, ou seja, uma investigação a partir dos aspectos ambientais, através de uma visão fenomenológica para perceber como a paisagem geográfica se encontra representada pela literatura, tomando como ponto de partida o estudo do aludido conto de Ana Maria Primavesi, para assim poder investigar como os aspectos geográficos são representados no âmbito da literatura e meio ambiente, entendido como possibilidade de interpretação da paisagem geográfica. Como objetivos específicos, analisou-se as potencialidades interpretativas da Geografia e Literatura, em perspectiva interdisciplinar, e examinou-se a validade do conceito de paisagem na perspectiva fenomenológica-cultural, para análise das questões ambientais, na perspectiva antropomórfica, a serem examinadas, no estudo do conto.

Assim, em um primeiro momento fizemos um levantamento bibliográfico a fim de aprofundar o conhecimento sobre Literatura e Geografia. O primeiro passo foi a escolha do conto. Em seguida foram realizados estudos que tratam da integração interdisciplinar entre as aludidas ciências. A etapa seguinte, contou da escolha do referencial teórico (postulados da Paisagem Vernacular matriz-marca de Berque (2004)

referido por Holzer (1998). A última etapa consistiu na análise do conto, no qual. Buscou-se examinar as interações observadas nos elementos estudados, consoante aos fundamentos teóricos adotados. Ressalta-se, que alguns autores como, Merleau-Ponty, Dardel, Berque, precursores da concepção adotado na pesquisa, são lembrados no referido estudo.

## CAPITULO 1–GEOGRAFIA E LITERATURA

### 1.1 Interdisciplinaridade e potencialidade interpretativas

A interdisciplinaridade propõe estudar ciências que, possuem integração e interrelações entre si, o que em princípio, pode ser encontrado em todas as ciências. Pode-se perceber, portanto, que todas as áreas do conhecimento estão interligadas por algum, nível de interação, concepção ou embasamento.

Para Pombo (2005, p. 4), as concepções associadas a interdisciplinaridade, [...]“estão banalizadas. Elas são usadas para as coisas mais diversas. Porém o que acontece [na maioria das vezes em que se opera com o termo, em sentido pretensamente cooperativo][...] é desentenderem-se, caírem em mal-entendidos, conflitos, falhas terríveis de comunicação”.

Dessa forma, nem sempre esse conceito é usado de forma correta, à palavra pode ser mal-entendida para representar reflexões que não traduzem o seu significado. Por ser uma palavra usada com frequência, à mesma pode ser mal utilizada por pessoas que não buscam os seus significados para pesquisas.

A aplicação do termo é fundamental, sobretudo, quando a interdisciplinaridade é aplicada a partir das relações entre disciplinas, como é o exemplo do seu uso no ensino de Geografia, fazendo a interação entre as demais disciplinas do currículo escolar, levando em consideração os pontos em que essas podem estar relacionadas, como exemplo a Literatura a qual é o foco dessa pesquisa, analisando em quais aspectos essas duas ciências estão imbricadas.

Pereira; Siqueira, (2005) lembra que quando se pensa em ir além de uma perspectiva da superação racionalista do entendimento de interdisciplinaridade, é essencial pensar e perceber que, ao se operar o nosso intelecto interativamente, não podemos nos contentar apenas com a interação em si, mais também com as articulações no qual estão contidas elementos paradigmáticos que refletem, por exemplo, a necessidade de rever processos curriculares da formação de pessoas e de, também, se perceber claramente as contribuições disciplinares entre “varias” disciplinas. Essa mesma forma de pensar pode e deve ser ligada intimamente as formas e concepções de se fazer ciência, (como as interações que desenvolvemos entre Geografia e Literatura) pela condição plural de saberes que requer trocas constantes de conhecimentos,



principalmente, quando se trata de partilhar vivências na realização de pesquisas. Assim, referindo-se a aludido contexto, em especial, ao processo de ensino-aprendizagem, Pombo, (2005, p. 13) nos ensina que:

Por interdisciplinaridade, deverá então entender-se qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objeto a partir da confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objetivo final a elaboração de uma síntese relativamente ao objeto comum. A interdisciplinaridade implica, portanto, alguma reorganização do processo de ensino/aprendizagem e supõe um trabalho continuado de cooperação dos professores envolvidos.

É nessa perspectiva que a Geografia e a Literatura podem construir suas relações e integração, na reorganização dos conceitos, não necessariamente deixando de lado suas teorias científicas, mas sim agregando valor e conhecimento ao que já foi produzido, como aqui se intentou fazer no conto Caiarara de Primavera. A interdisciplinaridade foi a “ponte” para que essas conexões pudessem operar no nível das áreas de conhecimentos geográfico-literários.

## **1.2 O Despertar para Geografia, Literatura e ensino**

Nesse subitem, fazemos um adendo para relatar algumas observações sobre a minha trajetória no PIBIC e vivência que adquiri no estágio supervisionado durante o curso de Geografia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Foram dois os fatores que me impulsionaram para realização deste estudo, o primeiro refere-se a minha vivência nos estudos de iniciação científica no PIBIC. Posso afirmar que tal programa costuma abrir o olhar de seus participantes, gerando novas formas de se enxergar o mundo acadêmico e o mundo em geral. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) trouxe a oportunidade de pensar na necessidade de inovar o estudo da ciência geográfica, a partir da junção desta com outras áreas de estudo, sendo uma destas áreas a literatura, que ao unir-se à Geografia proporciona uma visão diferenciada do espaço.

O projeto “O espaço geográfico através da literatura: Um estudo dos contos de Guimarães Rosa” consistiu no estudo do conto “Pequenas Estórias”, quando foi possível analisar as categorias espaciais (Espaço, Lugar e Paisagem), Topofilia, Topofobia e Paisagem do Medo. Ao término do estudo, pôde-se perceber que estes conceitos são

retratados de forma diferente na literatura do que são na Geografia, abrindo um leque de possibilidades de interpretação e captura da atenção do leitor.

O segundo fator liga-se diretamente a arte de ensinar, pois pude constatar que existem várias possibilidades de se trabalhar um assunto ou tema. Os aportes geográficos são inúmeros, isso vai depender do profissional que estará trabalhando um determinado tema geográfico. A relação interdisciplinar desses campos de conhecimento se constitui numa maneira interessante de ensino-aprendizagem na Geografia, no caso, a partir do estudo da paisagem, representada no conto de Primavesi. Dessa forma, é através da imagem no sentido de imaginário, que o conto será analisado. O conto nos fará colocar em prática o lado imaginativo, o qual mexe com nosso intelecto e nos faz penetrar no mundo das significações.

Estudar a Geografia dentro da Literatura é um desafio que “enche os olhos”, novas ideias e pensamentos surgem a partir do momento em que nos abrimos para experiências diferentes, que vão além da perspectiva de ensino tradicional de aprender e ensinar Geografia, pois é através da experiência compartilhada que a interação com outras ciências acontece.

Foi a partir da experiência no estágio supervisionado que pudemos notar a dificuldade e falta de vontade que os estudantes têm em estudar Geografia. “Uma disciplina chata, cansativa que só serve para localização de lugares nos mapas”. (Essa foi à situação que encontrei, tirando algumas exceções, nas turmas em que estagiei). Assim, a maior dificuldade foi encontrar metodologias de ensino, que pudessem ser uma alternativa a mais ao livro didático, disponibilizado pela escola, o qual nem todos os alunos recebem, e ir além das propostas encontrada no material, as quais, quase sempre fogem da realidade do aluno. Dessa forma, trabalhar assuntos que vão além do livro didático, referentes a outras disciplinas como exemplo a Literatura, ajuda a desmistificar a ideia que foi posta na mente dos estudantes em relação à ciência geográfica. Conclui então, que essa combinação conteúdo e concepção, é muito importante para ajudar na formação de sujeitos críticos e com capacidade de entender os seus sentidos e significados que tem do mundo, em suas diversas escalas.

O estudo interdisciplinar irá proporcionar o entendimento e as relações que podem existir entre as ciências, estabelecendo dessa forma um novo modo de pensar e

analisar os conteúdos abordados por essas áreas do conhecimento, que estamos estudando.

### 1.3 A Literatura, e Geografia

No conto *Caiarara* é possível perceber a paisagem na perspectiva material e simbólica, nela a natureza se apresenta em sua forma factual, ou seja, a representação da morfologia dessa categoria manifesta-se a partir de sua funcionalidade e a simbologia se associa a essa materialidade para trazer à tona a percepção e os sentimentos que dão significado a existência do ser.

Dessa forma, a natureza se comporta de forma diferente, ela agora se torna não apenas elemento, mas agente ativo, um “vivente”, não que antes tenha sido diferente, é que agora ela pode opinar dizer o que sente através dos personagens da obra em análise. A autora se utiliza da prosopopéia, emprestando sentimentos humanos e palavras aos animais e demais elementos da natureza presentes no conto. A disputa nessa parte do conto se torna visível a partir do momento em que esses elementos começam a perceber a importância que cada um possui. Um tenta sobrepor o outro. De forma particular, cada elemento da natureza possui sentimentos, esses dão vida a cada um deles, vida distinta daquela que proporciona a morfologia, agora eles podem sentir.

Dito isto, partimos para estudar o imaginário geográfico a partir do conto *Caiarara* com base na paisagem representada, procurando entender qual sentido esse conceito tem para a narrativa. A paisagem será analisada não apenas como objeto que agrega valores no sentido lógico positivista das descrições, mas a partir de um conjunto de elementos em harmonia que a originaram.

Como se pode deduzir sobre a importância da paisagem, essa categoria do conhecimento geográfico, funciona como orientação basilar para as alterações que o homem tem operado no espaço, principalmente quando essas alterações visam melhorar as relações homem-natureza, apesar de que o que tem sido observado são as agressões, que de maneira geral, tem prejudicado a referida relação.

No estudo da Geografia-cultural Humanista e na Literatura, a paisagem não é vista apenas como um fenômeno morfológico, essa categoria é vista a partir da percepção a qual surge da análise e do modo como o sujeito percebe o mundo, essa

forma de perceber o mundo se torna apropriação da fenomenologia que estuda a essência da percepção, a qual irá estudar como se dá esse processo.

## CAPÍTULO 2 - A GEOGRAFIA-CULTURAL HUMANISTA, LITERATURA E O CONCEITO DE PAISAGEM

As teorias científicas muitas vezes negligenciam a importância do sujeito no mundo, deixando de lado a visão de que o espaço, com todas as suas dimensões e seres, é construído a partir da consciência, este se dispõe em torno de si e passa a existir a partir da realidade desse sujeito.

Nessa concepção acredita-se que a fenomenologia é uma das tantas possibilidades que compete entre si, para se entender o conjunto de enunciados de uma ciência, seus objetos, sua linha de raciocínio. O notável filósofo Husserl (1947, p. 22), explica em sua “fenomenologia genética e construtiva” que “o método da crítica do conhecimento é o fenomenológico; a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento”. Essa universalidade não unânime é aprovada pela ciência, pois se assim fosse a mesma não faria nenhum sentido, uma vez que o retorno ao conhecimento da percepção e das essências se tornaria a base, o princípio.

Acreditamos que não há um conhecimento “a priori”, aquele que surge antes de qualquer teoria, o conhecimento de mundo, mundo vivido. A ciência baseia-se naquilo que já foi dito, que já foi expresso por um indivíduo e, é a partir da visão que se tem que a ciência caminha para sua autonomia. Nessa perspectiva, Merleau-Ponty afirma que:

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência [...] é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 1).

A fenomenologia é o aporte para que se possa entender de onde surge as ideias e como essas são estabelecidas a partir da percepção de cada sujeito. Nela o ser humano é compreendido em sua dinâmica de vida, sua essência.

Se a Geografia estuda o espaço, buscando compreender a dinâmica nele produzido e organizado, pode-se assim, considerar que essa ciência se fundamenta na relação sociedade-natureza.

Na Geografia fenomenológica o espaço se torna o mundo percebido, o qual está centrado nos sentidos na subjetividade, na experiência, nos valores e nos eventos, priorizando o excepcional a partir da compreensão de mundo real. Correia; Pereira; Oliveira referenciando Lencioni (2003, p. 175) nos diz que, “a consideração da percepção advinda das experiências vividas é, assim, considerada etapa metodológica importante e fundamental”. A experiência vivida é o passo fundante para a construção do espaço vivido.

Já para Pereira (2010), em linhas gerais, a Geografia Fenomenológica propõe uma orientação metodológica que utilize técnicas de observação, questionário, entrevistas, depoimentos, entre outros; que enfatize o estudo de eventos únicos, contrariamente aos estudos de eventos gerais; que incorpore o indivíduo no processo de construção do conhecimento, sendo que cada indivíduo apresenta especificidades para apreensão e avaliação do espaço; que resgate as noções de espaço e de lugar, uma vez que ambos trazem consigo a ideia de percepção, valores, comportamento, atitudes e motivações; e que priorize aspectos relacionados à subjetividade, intuição, simbolismo, sentimentos e experiências.

É na Geografia Humanista que iremos encontrar o significado da geografia fenomenológica. Essa geografia que incorpora o mundo físico e, que nos devolve ao mundo vivido, as experiências, a perceber o ser e o estar no mundo.

A Geografia como ciência social, estuda a base, os sujeitos que constroem a sociedade e, essa surge na margem da percepção desses indivíduos, já que o homem veio antes da ciência. O que importa aqui não é apenas o físico/humano, mas sim a importância dos elementos percebidos pelos indivíduos que tem experiências com esse mundo. Nogueira citando Dardel explica que:

“[...] explanatória ou descritiva, a geografia permanece profundamente ligada ao real”... e em Geografia enfatiza: “é impossível eliminar todo valor moral e estético, ou suprimir inteiramente o “ponto de vista “ do qual a realidade geográfica é envolvida, ou apagar a subjetividade do sujeito para quem a realidade se torna realidade”. (NOGUEIRA,apud DARDEL, 2005, p. 4).

Mesmo no sentido subjetivo a geografia continua conectada a realidade, pois o valor material que se agregou ao conceito do que viria a ser Geografia ainda persiste, o que é importante é que conteúdo material e simbólico sejam permeáveis a ponto de se compreender como os, fenômenos se transformam a partir da atuação humana.

Essa “geograficidade” só é possível na relação Ser e Mundo, da qual fala a fenomenologia, daí termos nos fundamentado nela para compreender a relação homem-terra. Debate tão levantado pela ciência geográfica. A terra aqui, sendo vista, para além dos seus aspectos físicos, compreendida como lugar de vida. (NOGUEIRA, 2005, p. 5).

A relação entre fenomenologia e geografia está além de analisar conceitos e sua aplicação, essa relação está ligada com o objetivo e o subjetivo, em que as características fazem com que essa ciência e esse método possam estar ligados. A fenomenologia está ligada a qualquer outra ciência, a distância entre essas é apenas o querer fazer essa relação.

Na área da literatura estão envolvidos diversos estudos, o social, o cultural, o histórico e o geográfico como em *Grandes Sertões Veredas* de Guimarães Rosa obra na qual o autor traz elementos lingüísticos da primeira fase do modernismo e a temática regionalista, essas são as ditas bases para lhe dar forma (organização) e sentido. Ela traz em sua essência histórias que se relacionam no tempo e no espaço, esses são construídos a partir da realidade fictícia que remete ou assemelha-se ao mundo real, produz e consolida identidades independentes de contextos e de lugares. Na Literatura os fenômenos acontecem de acordo com os personagens e de quem está narrando, a interpretação dependerá de quem está lendo, em uma análise geográfica, esses elementos são baseados no meio natural, a forma como eles estão dispostos dentro da obra literária.

Assim, a literatura vem se tornando importante para a corrente humanista cultural no estudo da Geografia, pois valoriza o social, as experiências vividas pelo homem, essas representadas em obras literárias. A literatura expõe o conhecimento humano e, em vários momentos tem a possibilidade de estar presente em alguma obra o posicionamento do escritor, dos personagens que são em tese fictícios, mais projeta realidades mimeticamente.

Assim, a relação entre Geografia e Literatura vai além de discursos sobre a interrelação desses campos de conhecimento como ciência, mas promove aproximação das perspectivas que cada um traz em relação à visão de mundo, cada qual com suas individualidades e limitações que podem ser reduzidas a partir de processos interpretativos e analíticos, como é o caso da concepção da análise da paisagem na perspectiva humanista. Essa interação, em si é uma versão da interdisciplinaridade em

que a Literatura junto com a Geografia pode superar a visão limitada de mundo e o entendimento da complexidade da realidade.

Dessa forma, a sociedade e a natureza possuem uma relação fundamental para denotar a percepção e a intersubjetividade mediada pela cultura que anima essa relação, para Claval (2002, p. 20) “a abordagem cultural impõe a necessidade de repensar a Geografia Humana. De este repensar nasce uma primeira ideia, aquela de que a Geografia Humana não pode ser totalmente desvinculada da cultura em que se desenvolveu [...]”. Foi assim que a Geografia cultural passa a integrar representações que vão além da perspectiva funcionalista, incorporando elementos que transitam entre as representações materiais e imateriais.

A abordagem cultural tem feito com que os geógrafos, repensem as concepções científicas que se atrelam a fenomenologia. Nesse processo o importante é não dissociá-la das suas concepções originárias, nem tão pouco ficar presa as concepções do passado.

Dessa forma, a referida abordagem parte do íntimo do sujeito e o significado que isso traz, sejam ritos, crenças e demais formas de se ver o mundo, as experiências do sujeito no ambiente, em perspectiva social-natural. Essas representações de mundo, entre outras possibilidades, são estudadas pela pesquisa geográfica.

O mundo existe a partir da interpretação, são as ideias que o constroem. As ideias dão origem aos espaços que são apropriados formando ambientes que se distinguem a partir do conhecimento de mundo que cada sujeito possui. A apropriação do espaço faz com que se criem vínculos com o mesmo. Ele começa a ser visto de forma subjetiva, e o lugar do sentimento passa a ser importante para as pessoas.

O símbolo, como algo oposto ao real, dá importância ao imaginário e ao subjetivo, o individual fica em evidência, o ser. A intuição seria de fato um dos elementos principais a ser tratado. Dessa forma, a Cultura na representação simbólica aborda os elementos considerados essenciais para o estudo do ser, do sujeito no mundo. O símbolo surge do imaginário.

O mundo surge a partir da imaginação do sujeito, da construção feita por ele. Dessa forma, o espaço vai surgindo e as concepções sobre o espaço é que dão sua forma. A representação surge a partir da imagem, essa como um objeto qualquer, propicia as condições adequadas para que as ideias surjam.



O símbolo está ligado diretamente ao humano e sua subjetividade individual ou do grupo que faz parte. Araújo citando Laplantine; Trindade (2000, p. 96) afirma que “a ideia como representação mental de uma coisa concreta ou abstrata é considerada como o elemento consciente do universo simbólico”. Ou seja, o mundo surge a partir da representação subjetiva do intelecto, seja o sujeito na individualidade, seja quando se trata dos sujeitos coletivos.

É a partir dessa subjetividade que a paisagem é representada pelo sujeito, o ambiente varia de acordo com os diferentes olhares que cada sujeito interpreta e os sentimentos sobre determinados ambientes. Pensar na paisagem de forma subjetiva é tomar para si os valores que a mesma tem, reportando as suas experiências e histórias de vida. A relação entre homem e meio está diretamente ligado ao mundo criado, ao que para esse tem valor, vínculo afetivo e vai além de uma imagem representada.

## **2.1 A paisagem e a relação homem-ambiente**

Paisagem é percepção, está conectada ao visual aquilo que está a nossa volta. Ela pode ser considerada um registro, uma marca e ao mesmo tempo sentido, a essência. O sentido das coisas se dá a partir da percepção, essa traz significado e dá “vida” a determinadas coisas. A paisagem pode ser considerada um intermédio entre o mundo material e o subjetivo. Barbosa explica que:

Se formas, linhas, cores e volumes são aspectos do mundo apreendidos de imediato pelos nossos olhos, estes podem assumir diferentes sentidos de existências e compreensão segundo o modo de olhar (atribuir significados) instituído em cada sociedade (BARBOSA, 1996, p. 44).

A paisagem pode ser, além de reflexos capturados por nossos olhos, vista como experiências vividas, experiências essas que remetem a algum acontecimento que por algum motivo (filtros psicológicos) ficou gravado no imaginário, conseqüentemente se o sujeito volta a olhar para essa paisagem remete as lembranças e sentimentos vividos.

Ela é criação e suporte da cultura, pois traz consigo a história de um povo, que traz em sua essência mitos, valores e tradições, o que contribui para transmitir o saber de uma geração à outra. A paisagem com seus significados e símbolos remete ao imaginário.

O imaginário leva o indivíduo (os) a lugares os quais se tornam reais em seu subconsciente. Dar vida a uma paisagem é se deixar guiar pelos sentidos, pelas emoções que a mesma traz. Já no imaginário coletivo, é fazer com que todos tenham uma certa

unidade na sensação e percepção. É deixar que o outro faça parte e adentre no mesmo mundo.

A paisagem remete ao novo modo de vida a partir do momento em que os indivíduos passam a contemplar os elementos que a compõem, elementos esses que não necessariamente são concretos, mas surgem do imaginário de quem a analisa. É retornar ao mundo subjetivo o qual não foi negligenciado pelo mundo das técnicas, dos objetos.

O termo paisagem em sua essência tem vários significados, esse irá depender de como as pessoas irão abordá-las e das concepções que a ela são ligadas. Sendo ela uma das categorias mais clássicas estudada pela ciência geográfica, a qual investiga as versões de como seria representada a paisagem como objeto simbólico ou material. A paisagem pode ser a mesma, mas o olhar pelo qual é vista é que vai dar um novo sentido, um novo significado, significados diferentes.

Sendo um dos conceitos-chave da Geografia, a mesma se torna unidade e identidade. Nos estudos da história do pensamento geográfico o conceito de paisagem sempre esteve submisso aos demais conceitos, como lugar, território, espaço e região, pois esses supriam as necessidades do mundo moderno.

Esse pensamento ao passar dos anos mudou, agora a paisagem além dos aspectos naturais e sociais, a mesma está ligada com a cultura e o simbolismo presente nas paisagens humanas. As diversas concepções dessa categoria geográfica sugerem a aplicação da interpretação das paisagens humanas e as práticas que são utilizadas para fazer análise de variados tipos de concepções.

No caso da relação entre Literatura e Geografia, seja um conto ou outras formas de contar, como um romance, um poema, um filme, o resultado dessa análise irá depender da visão de cada sujeito, ou sujeitos, no sentido de práticas culturais coletivas, esses podem ser tomados como exemplo estudantes de ensino fundamental e médio que estudam Geografia. No caso da Literatura quando se trata de uma narrativa esses aspectos são vistos pelos olhos dos personagens uma vez que a Literatura tem sua própria realidade ficcional. Assim a análise é feita do texto, no caso desse estudo o conto *Caiarara* e relacionada com o externo a ele. Ela se constitui uma expressão humana que possui significados variáveis, apesar de que não é tão comum aplicar-se essa abordagem aos estudos geográficos.

A paisagem simbólica em sua essência representa e reproduz a conduta cultural de determinado povo ou indivíduo determinando seus valores dentro de uma sociedade. Sobre a dimensão simbólica.

Na dimensão simbólica a paisagem transcende o que nosso aparelho sensitivo consegue captar diretamente. Numa visão crítico social a paisagem é acrescida de elementos dialéticos, revelando as contradições das relações sociais que podem apresentar marcas (paisagens sublimadas) pela obra literária. Na perspectiva fenomenológica a paisagem passa a ter valor simbólico e sua importância vai além do que apenas um recorte espacial, ela se torna um elo entre o mundo e o indivíduo. Schier (2003) nos ensina que, a referência a paisagem deve primeiramente ligar-se a ideia dos sujeitos, no caso, o eu enxergar a perspectiva do outro, entendido esse outro como um ser que preenchido de sociabilidades.

Paisagem é percepção, está conectada ao visual aquilo que está a nossa volta. Ela pode ser considerada um registro, uma marca e ao mesmo tempo sentido, a essência. O sentido das coisas se dá a partir da percepção, essa traz significado e dá “vida” a determinadas coisas. A paisagem pode ser considerada um intermédio entre o mundo material e o subjetivo.

Antes de adentrar na análise do conto foi necessário estudar os conceitos que nortearam o entendimento sobre a paisagem encontrada no mesmo. Conceitos (Mediância e Trajeção) elaborados por Berque (2004), referenciado por Holzer (2008) que se aprofundou nos estudos de Berque.

## **2.2 Mediância e Trajeção na análise da paisagem**

A fenomenologia estuda as essências e, é a partir dela que Berque iniciou seu estudo sobre determinação de essências tendo como ponto de partida a paisagem, conceitos esses o de paisagem Matriz-Marca, os quais trazem a ideia de que os acontecimentos ao longo da história criam relações entre a sociedade e o meio. Na pesquisa esses conceitos serão trabalhados em uma perspectiva Matriz-Marca para denotar que as mudanças são contínuas.

Nesta perspectiva, Berque citado por Holzer (2004) propõe que a Geografia empregue os conceitos de paisagem-marca e o de paisagem-matriz. Esses trazem a ideia

de que a realização da história cria mudanças na relação entre a sociedade e o ambiente.

Assim:

A paisagem é uma marca, porque exprime uma civilização; mas também é uma matriz, porque participa de sistemas de percepção, concepção e ação – isto é, da cultura – que canalizam em um certo sentido a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza (HOLZER apud BERQUE, 1985, p.22).

A paisagem é uma marca quando constitui uma civilização, em que é possível encontrar vestígios de uma história ou acontecimentos em um determinado ambiente. Assim quando uma comunidade toma para si um espaço, ele próprio vai criando vestígios que estão impregnados na paisagem.

Quando se fala em paisagem matriz diz respeito à percepção dos sujeitos que se apropriaram de um espaço e que originaram através de suas ações um determinado lugar, o seu lugar de vida e de experiências. A paisagem matriz refere-se à essência, aquilo que os sujeitos tomam para si. Ou seja, quando nos detemos no conteúdo imaterial, na essência daquilo que é subjetivamente percebido, então estamos diante de uma paisagem matriz.

Para entender as relações entre tais conceitos em especial o de paisagem tendo como pressuposto a relação do homem com o ambiente é necessário entender como a paisagem vernacular-trajetiva na perspectiva fenomenológica se entrelaçam. Essa discussão pode ser iniciada a partir do conceito de Mediância enunciado por Holzer citando Berque (2004)

A partir desses conceitos surge a Mediância remetendo a história e a Trajeção a qual irá possibilitar o movimento dessa história, dessa construção entre o objeto e o sujeito. Assim Holzer citando Berque afirma:

O conceito de mediância está atrelado ao processo de construção histórica e de memória da paisagem, ao passo em que o conceito de trajeção se encontra ligado “a percepção que transita sem cessar entre o sujeito e o objeto, o que na fenomenologia husserliana denomina-se de intencionalidade”. (HOLZER apud BERQUE, 2008, p. 158)

Mediância remete a história, a construção que o sujeito ou sociedade desenvolve ao longo do tempo no meio em que vive. Essa construção se dá a partir da vivência que cada um constrói em torno de si ou das histórias das vivências coletivas que se pode observar na análise da paisagem. Sociedade e natureza realizam trocas e essas trocas são

fundamentais para o exercício da “intersubjetividade”. Nesse caso homem-meio ambiente retroalimentam a Mediância num processo espiral não cíclico.

Outro conceito é o de Trajeção que sinaliza que a percepção é “móvel”, mudam de posição, ou seja, o sujeito e objeto mudam reversivelmente. A Trajeção segundo Berque é um “movimento reversível” dando continuidade e forma ao mundo, na mudança constante.

[...] esta Trajeção evolui em espiral, na medida em que tanto o sujeito como o objeto mudam da mesma forma, segundo uma lógica intrínseca a eles próprios, que induz a contingência essencial onde eles se reencontram (HOLZER apud BERQUE, 2004, p. 158).

A Trajeção vai mudando com a mudança estrutural da paisagem. Nela os acontecimentos vão sendo reverberados pela memória. Esse processo induz a reflexão da paisagem e é nele que o espaço vivido ganha significação e vão sendo constantemente ressignificado.

A partir desses conceitos a paisagem pode ser estudada tanto em sua estrutura material quanto imaterial, uma paisagem vernacular-trajetiva; nessa perspectiva a paisagem irá mudar a partir da percepção do sujeito ou dos sujeitos coletivos a partir da subjetividade e/ou das subjetividades. Besse (2006) acrescenta a essa perspectiva a necessidade do “ser humano” manter o seu intelecto ativo para se colocar como pessoa que participa do mundo, mais não como uma participação qualquer, essa interação, precipuamente, requer uma boa convivência com terra.

É, portanto, com essa concepção, Vernacular (mediância-trajetiva), que passamos a tratar de algumas características dos espaços de vida da autora e da análise do conto de sua autoria, *Caiarara*.

## CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DO CONTO

### 3.1 Alguns Caminhos de Ana Maria Primavesi

De acordo com Knabben (2016) Ana Maria Baronesa Primavesi nasceu em 3 de outubro de 1920, no castelo Pichlhofen, distrito de St Georgen ob Judenburg, no estado da Estíria, Áustria, como primeira filha do Barão Sigmund Conrad e sua esposa Clara. Depois de cursar o primário em seu distrito, em 1935, foi para o Sacré Coeur, em Graz, onde foi aluna no internato nesta cidade. Fez os últimos anos do ginásio em Dresden, local em que concluiu seus estudos básicos.

De lá foi mandada para o serviço Arbeitsdienst, no leste da Prússia, para Primavesi “um grande desestímulo imposto pelos nazistas a quem queria continuar os estudos”. Assim, somente depois de nove anos conseguiu ingressar na Universidade Agrícola de Viena, Capital da Áustria, onde em 1942 conclui seus estudos universitários em Agronomia, em nível de graduação e posteriormente também realizou estudos avançados em nível de doutoramento.

Knabben, biógrafa de Primavesi, revela que esta, que viria a ser uma das maiores defensoras do meu ambiente, especialmente na defesa do solo como o sustentáculo da vida, doutorou-se em Cultura de Solos e Nutrição Vegetal.

De 1943 até o fim da guerra, trabalhou no Conselho de Pesquisa da Universidade com experimentos sobre ar frio. Em 1946 casou-se com o fazendeiro, diplomata e também doutor, Artur Barão Primavesi, e em 1948 vieram para o Brasil onde continuaram suas pesquisas. Lecionaram na Universidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, instituição na qual Artur fundou o Instituto de Solos e Culturas e criou o primeiro curso de pós-graduação (Produtividade e Conservação do Solo); também trouxe para a cidade o Segundo Congresso de Biologia de Solos da América Latina patrocinado pela UNESCO.

Segundo Brixius (2014) Primavesi foi à grande responsável por diversos avanços no estudo das ciências do solo em geral, especialmente no seu manejo ecológico. Na atualidade, é uma das mais importantes pesquisadoras da agroecologia e da agricultura orgânica.

Fundou a AAO (Associação da Agricultura Orgânica), uma das primeiras associações de produtores orgânicos do Brasil. Hoje, a Dra. Primavesi dedica seu tempo a praticar essa agricultura ecológica e a difundir o conhecimento sobre a necessidade de se aliar agricultura e preservação ambiental.

Ao longo de sua vida, sempre buscou meios para o manejo do solo de forma consciente, integrada com o meio ambiente, além de uma agricultura que privilegiasse a atividade biológica do solo (solo vivo), com um elevado teor de matéria orgânica. Segundo ela, as diversas doenças e pragas que cada vez mais aparecem no mundo, tem relação com a agricultura convencional.

No decorrer de seus 60 anos de carreira, recebeu diversos prêmios, destacando-se o “OneWorldAward”, da IFOAM (“Federação Internacional dos Movimentos de Agricultura Orgânica”), em 2012. Também recebeu títulos “Doctor honoris causa” em diversas universidades brasileiras. Em sua homenagem a UFSCar, ao criar o Centro Acadêmico de Agroecologia, inaugurado em 2010, adotou o nome de Primavesi, para o referido instituto de pesquisa.

No livro “Ana Maria Primavesi: histórias de vida e agroecologia” a Biógrafa Kanbben (2016) conta sobre os caminhos que Primavesi teve que seguir para conseguir ingressar em uma universidade, antes dessa etapa relata sobre a vida pessoal de Ana, desde sua infância e adolescência conturbada até vida adulta, casamento e filhos. Note-se, também que antes de ingressar na universidade Primavesi teve que realizar atividades, trabalho duro, pelas suas próprias mãos nos campos de Reichsarbeitsdienst, uma determinação imposta pela (organização estatal que convocava jovens a prestar serviço gratuito no campo da Alemanha Nazista). Etapa obrigatória para quem estava determinado a ingressar numa universidade.

A sua vasta experiência, demonstrada em dezenas de livros, dedicado a agricultura alternativa e ao meio ambiente, levou a referida autora, a colocar toda sua sensibilidade literária com a terra no livro intitulado: *A Convenção dos Ventos. A importância da Terra (solo) para a característica cíclica da sobrevivência de todos os seres vivos* faz com que Ana Primavesi, no conto já mencionado, incentive a educação ambiental, principalmente entre crianças e adolescentes. Assim, acreditamos que o citado livro possui fortes potencialidades para educação ambiental nas escolas de ensino básico do país.

Sobre o fato de a autora escolher a abordagem literária, ou seja, de construir metaforicamente histórias através de contos, pode-se dizer que o citado livro apresenta didaticamente excelentes oportunidades no ensino de Geografia para estudar os fenômenos sociais e naturais que compõem o espaço geográfico, inclusive no trato das principais categorias geográficas, (Espaço, Lugar, região, território e paisagem) de modo geral, e em especial da leitura da paisagem, tanto das características morfológica dessa categoria de análise geográfica, quanto da perspectiva crítica e simbólica, mexendo com o imaginário do leitor primavesiano.

Assim, estudar Geografia através da Literatura estimula o discente, a adotar noções conceituais da paisagem. Com o emprego dessa categoria de conhecimento, os alunos são estimulando a aprimorar o espaço vivido e a capacidade crítica, indo além dos preceitos e a supervalorização de algumas áreas de conhecimento por meio de autores com metodologias irrefutáveis, consideradas absolutas.

Sendo assim, as relações estabelecidas entre geografia e literatura propiciam uma nova interpretação de como o mundo é ordenado, como o sujeito se posiciona nele, concretamente e subjetivamente. Essa percepção crítica e fenomenológica é construída a partir das experiências dos estudantes através da leitura da realidade cotidiana, assim como da perspectiva simbólica, vivenciadas pelos estudantes.

É nessa perspectiva que a análise do conto será abordada, através da percepção crítica (na visão de sujeito que constrói conhecimento) do leitor levando em consideração todo o conjunto da obra e os sentimentos que a autora deposita ao escrever sobre o solo.

### **3.2 O Conto *Caiarara*– Exemplos do uso da paisagem Matriz-Marca e no processo de Mediância e Trajeção<sup>1</sup>**

Em princípio é importante ressaltar que o conto *Caiarara* remete a perspectiva da antropomorfização dos personagens. Nesse contexto, os personagens centrais ou protagonistas são: Caiarara que um primata, espécie de macaco pequeno, conhecido popularmente como Mico e Paquito, uma ave, uma das tantas espécies de Arara que povoam a imaginação de Primavesi. Ressalta-se também que o referido conto é narrado em terceira pessoa. O livro será citado na análise da seguinte forma: CV, abreviação de *A Convenção dos Ventos*.



No início do conto o narrador traz à tona certa harmonia da natureza “[...] nem o farfalhar de uma folha ou chapinhar de um Igarapé” (CV, 2016, p. 11). Essa característica descrita pelo narrador é logo desfeita pela agitação de um “Ipê Amarelo” que procura demonstrar a importância das folhas no processo de proteção do solo.

Em oposição à agitação do Ipê as “bactérias” desdenham daquela árvore, se colocando de forma superior já que são elas (as bactérias) que realizam a função de decompor a matéria orgânica lançada pelas plantas arbóreas do lugar. Observa-se aí uma espécie de paisagem marca na qual se percebe uma disputa em que está em jogo a posição e função que os elementos da natureza possuem na estruturação morfológica da paisagem, ou seja, na forma e na função que estes entes exercem na harmonização do ambiente em que vivem e se relacionam.

Vários elementos (vegetais de diversas espécies e invertebrados) manifestam-se, apresentando igualmente sua importância para manutenção da dinâmica terra-seres-vivos, já que [...] “nunca ouviram falar que pelos poros da pele da terra entram ar e água? Para nós e para vocês (CV, 2016, p.13)”. Nesse sentido, as árvores e animais rastejantes se posicionam, dizendo serem elas e eles os responsáveis pela formação de um manto protetor do solo, uma espécie de tapete que protege os organismos vivos e a própria terra. Fica nítido, também, a integração cíclica dos elementos da natureza, uma vez que se um elo dessa cadeia falha, todo o resto fica naturalmente comprometido.

No parágrafo acima fica a ideia de intencionalidade husserliana, na medida em que outros personagens entram em cena para demonstrar o caráter cíclico da Trajeção, na ocasião em que os invertebrados chamam atenção para a interação e interdependência dos elementos da natureza – traz à tona a percepção de que os sujeitos agem cooperando uns com os outros, mesmo que não intencionalmente, para o que se pode denominar de equilíbrio dinâmico do funcionamento da natureza.

Satisfeitos com os esclarecimentos fornecidos a Caiarara e Paquito, esses animais saem em busca de alimentos e se deparam com “bichos estranhos”.

Paquito, Paquito, vem cá pra ver – ele cochichou. E quando a arara quis gritar com voz alta para saber o que sucedia, Caiarara lhe fechou o bico com a mão. [...] – Quietos, quietos. Pode ser perigoso se eles nos enxergarem – sussurrou ele. Paquito ficou agitado. – Está falando de quê? O miquinho somente mostrou com o dedo. E quando Paquito vislumbrou os dois seres estranhos, quase gritou de surpresa. – São homens brancos! (CV, 2016, p. 16).

Essa descoberta causa surpresa aos protagonistas, apesar de que, quase imediatamente, a Arara reconhece aqueles bichos, isso porque eles apresentavam comportamento diferente de outros animais, falavam. [...] “Como é que terra tão miserável pode dar árvores tão grandes? – Perguntou ao companheiro. Este abanou a cabeça. – A terra não pode ser tão ruim se tem mogno. [...] “Deve dar pasto bom com muita facilidade (CV, 2016, p. 16).

Caiarara e Paquito ficam apavorados com aquela descoberta. [...] “temos que fugir. – Isso não cheira bem – disse Paquito” [...] – mas pra onde? (CV, 2016, p. 16). Esse foi o momento em que Caiarara e Paquito descobrem que aqueles bípedes, mais ou menos desenvoltos, não estavam bem-intencionados e a arara e o mico só pensavam em fugir, entretanto, a presença daqueles “homens brancos” só lhes causavam apreensão, pois intuitivamente sabiam que algo de muito ruim iria desorganizar o equilíbrio ambiental do seu lugar de vida.

Vê-se que os personagens centrais do conto manifestam desconfiança e temem pela destruição da paisagem (matriz); a área onde eles vivem e se interrelacionam, faz aguçar os seus sentimentos. O sentido de tudo aquilo que faz parte da sua vida agora se encontra ameaçado. Daí nasce o sentimento de medo, a desconfiança de que o que está por vir irá comprometer a sua condição de ser e estar no “mundo”. - o mundo deles.

Aqueles animais desconhecidos e com duas pernas (homens) munidos de ferramentas modernas (motosserras, por exemplo) desmataram e atearam fogo na mata.

Paquito e Caiarara [...] “de longe, ouviam o estalar da madeira que se torcia no calor e no bruxolear das chamas que clareavam o céu noturno. [...] E no outro dia, em lugar das folhas, uma camada grossa de cinza cobria a terra. Ela chorava. [...] E, na madrugada, um véu branco de neblina subia da terra, encobrindo-a misericordiosamente para esconder toda destruição e desolação (CV, 2016, p. 17).

A autora ao fazer emergir a voz da terra coloca em evidência toda sua sensibilidade no condizente a relação homem-natureza. Ferry (2009) explica que “a terra como elemento do sistema mineral-vegetal-homem atingida profundamente. ”

Como uma moribunda, a terra lamenta a perda da riqueza viva que lhe servia de “cobertor” não só no momento em que o fogo consumia o extrato vegetal (queimando as folhas das plantas, com um brilho tremulante) daquele ente a quem lhe

oferecia um chão, um lugar para viver, mas que em contrapartida, os Ipês e Jacarandás, oferecia a terra, uma aconchegante cobertura que protege o solo dos desgastes erosivos, que promove a manutenção da umidade, atuando, inclusive, na regulação do excesso de calor. Não fosse a neblina da madrugada que encobria a destruição, as suas feridas seriam literalmente expostas, mesmo na escuridão.

Por outro lado, Cairarara e Paquito lamentavam a perda do seu território. “- como eles puderam destruir tudo? Esse era nosso torrão, nossa mata, nossa pátria” (CV, 2016, p. 18). Aquele sentimento era o pior que lhes podia acontecer, porque agora não tinham rumo, não sabia para onde iam como sobreviveriam, além do que temiam ser rejeitados em outros lugares, já que iam competir com outros animais pela comida, outrora tão abundante naquela paisagem devastada.

Caiarara, temeroso, começou a pensar na terra. “[...] quando as cinzas esfriaram Caiarara cavocou até chegar a terra, acariciando-a” (CV, 2016, p. 18). Sem perspectiva, mais já sabendo o que adiante viria, a terra só lamentava. “- O que faço, não posso ficar queimada e arrasada, nua e desprotegida” (CV, 2016, p. 18). Assim, sobre toda a terra foi semeado capim para servir ao pastoreio de bovinos. A paisagem inicialmente verdejante do capim, de longe se tornará branca de tantos bois num único lugar. Aquela superlotação sufocava a terra, além de deixa-lá compactada.

Fica evidente, na fala dos personagens a transformação da paisagem, inicialmente descrita em seu conteúdo material e em sua estrutura morfológica, em uma paisagem matriz. Subjetivamente vem à tona o sentimento de perda da essência das relações subjetivas daquilo que os viventes da paisagem marca vivenciou. Não contavam com as intencionalidades do homem que tinham outros planos para a paisagem que os personagens construíram e consideravam como se sua fosse.

Aquele lugar não era adequado para Caiarara e Paquito que se refugiavam nas margens das matas em busca de alimento. Num contexto, em que faltava tudo, à arara só restará procurar os “homens brancos”, pois na pior das circunstâncias idealizava, aquela Ave, que era [...] “melhor [viver] no cativeiro do que ser proscrito pelos outros animais” (CV, 2016, p. 18,). A terra por sua vez, sentia suas forças minguarem, pois, o tipo de uso a que lhe foi atribuída (criatório de bovinos), piorava cada vez mais aquele lugar, ao ponto de exaustão em que nem o pasto conseguia permanecer naquela paisagem. No

caso do miquinho, este teve que migrar para outras paragens e quanto à arara, esta definhava no cativoiro dos homens (in) civilizados.

## CONCLUSÕES

Trabalhar a interrelação entre Geografia e Literatura proporcionou, além da experiência com concepções interdisciplinares, com foco na Geografia fenomenológica, enxergar novas interpretações e caminhos para se aprender Geografia através das experiências da vida cotidiana, criando um elo entre o objetivo e o subjetivo, na perspectiva simbólica. Assim os contos são gêneros textuais repletos de concepções, pois é considerado um gênero textual livre. Na perspectiva de ensino-aprendizagem, proporciona liberdade para o professor trabalhar em sala de aula as diversas realidades encontradas neste ambiente.

Com a análise do conto fazendo a interação entre Geografia e o ensino, foi possível perceber o quão integrado esses campos do conhecimento estão, cada um com sua especificidade: o conto literário com todo seu simbolismo e a geografia estuda o espaço, o qual compõe a paisagem que trabalha com os sujeitos sociais e culturais.

Assim, a percepção individual e coletiva do mundo é dada através das experiências que o (os) sujeito (os) adquire com o tempo, desta forma, o que pode ser importante para uma pessoa, ou agrupamento de pessoas com certa unidade cultural, não necessariamente é importante para outro (os), uma vez que esta percepção remete, tanto a estrutura material, quanto ao íntimo, ao imaginário contido na paisagem Geográfica.

Analisar a paisagem através da visão Geográfico-literária é uma comprovação da versatilidade da Geografia enquanto ciência, uma vez que a mesma proporciona uma abrangência de visões que têm alto poder de interação interdisciplinar.

Valorizar os contos literários enquanto narrativa com capacidade de dar vida a histórias que antes poderiam não render os mesmos aprendizados ajuda, enriquecendo a experiência interpretativa ao dar forma às análises da Geografia, em particular da categoria paisagem estudada a partir da perspectiva fenomenológica.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: Ciência da sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006 (1987).
- ARAÚJO, G.C.C; REIS, D.F.C. **As representações simbólicas: a pulsão imagética e sígnica na produção dos sentidos no espaço**. Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia, v.3, n.9, p. 93-106, abr. 2012.
- BARBOSA, J. L. **Paisagens Americanas: imagens e representações do Wilderness**. Coleção: Espaço e cultura: – N. 3 – (dez. 1996) – Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, dez. 1996 – Semestral.
- BRIXIUS, L. **Um pouco sobre a vida e a obra da agrônoma Ana Maria Primavesi**. Biowit, Teia Orgânica. 2014.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CORREIA, I.S. PEREIRA, L. A.G. OLIVEIRA, A.P. **Geografia fenomenológica: espaço e percepção**. Caminhos de Geografia - revista online. Instituto de Geografia UFU. Uberlândia. 2010 v. 11, n. 35. p. 173 – 178.
- CLAVAL, P. **“A Volta do Cultural” na Geografia**. Université de Paris IV-Sorbonne. Mercator - Revista de Geografia da UFC. 2002.
- DANTE, A.G. **O que é isto – A fenomenologia de Husserl?** Ideação, Feira de Santana, n.5, p.13-36, jan./jun. 2000.
- FERREIRA, R.B. Husserl, **Mundo-da-vida e Geografia**. Revista da Abordagem Gestáltica. PhenomenologicalStudies – XXII (2): 119-126, jul-dez, 2016.
- FERRY, L. **A nova Ordem Ecológica: a árvore, o animal e o homem**. Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- FERRETI, O. E. **A Geografia cultural e a Geografia Humanística**. Ed. Webartigos. Maio. 2011.
- HUSSERL, E. **A Ideia da Fenomenologia**. Trad. Arhur Mourão, Edições 70. Lisboa: 2000.
- HOLZER, W. **A Geografia humanista: uma revisão**. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, Edição Comemorativa, p. 137-147, 1993.
- KNABBEN, V.M. **Ana Maria Primavesi: histórias de vida e agroecologia**. – 1ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2016. 476p.
- PRIMAVESI, A.M. **A convenção dos ventos: agroecologia em contos**. – 2. ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2016.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Trd. Carlos alberto ribeiro de Moura. – 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- NOGUEIRA, A.R.B. **Uma interpretação Fenomenológica na Geografia**. Encontro de Geógrafos da América Latina. USP. Mar. 2005.
- POMBO, O. **Interdisciplinaridade e integração dos saberes**. Liinc em Revista, v.1, n.1, março 2005, p. 3 -15
- NOGUEIRA, A.R. **Uma interpretação fenomenológica na geografia**. Geografia Ciência do Complexus: ensaios transdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- SCHIER, R. A. **Trajatórias do conceito de paisagem na geografia**. Ed. UFPR. Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003.

ANEXOS